

Alma, o sucesso do Paralamas

Ecab

Após seu mais novo disco **D** gravado ao vivo em Montreux, o **Paralamas do Sucesso** fala sobre o início da carreira, suas conquistas e planos futuros. O que antes parecia uma criação jovem, amadureceu buscando mais profundamente sentimentos na dor, na alma, na guerra e na miséria, uma realidade mais atual neste final de século. Mudaram sim, mergulhando num sentimento maior, dando mais força à sua criatividade musical.

Como aconteceu os Paralamas do Sucesso?

- Durante um fim de semana em Mendes, depois da piscina, quando todos estavam de papo pro ar, o Herbert tocando violão, pintou essa idéia, um nome bem diferente. Aí o Herbert disse. Por que não? E daí ficou.

Como vocês se conheceram?

- Num festival na Rural em 81. O Herbert e o Bi tinham se inscrito e suas músicas foram eliminadas da seleção, mas deram um jeito, fazendo uma apresentação no final. Como o baterista não apareceu, surgiu a oportunidade de tocar com eles. Um ano depois nos reencontramos de novo na Rural e começou tudo lá, num bar chamado Shop Steak no km 49. Naquela época eu dava aula de inglês na Rural durante a semana e todo sábado, ficava hospedado na casa do Herbert ou do Bi para ensaiar. Cheguei mesmo a morar na casa do Bi por dois anos, disse Barone.

- Desde que nós trocamos a faculdade e João veio morar aqui, tudo começou a andar muito depressa, entre setembro de 82 a março de 83, quando assinamos com a gravadora. Nosso primeiro compacto batalhamos como loucos, ligando para as rádios, pedindo que tocassem nossa música, acabou que **Óculos** foi um sucesso, e nossas apresentações no Rio estavam ferendo, comentou Herbert.

Vocês se dão bem, como fica a união no grupo?

- Nós temos muita sorte, somos uma banda pequena e nosso amadurecimento pessoal, como nossa evolução musical, têm sido tão homogêneos, que é realmente uma coisa rara de acontecer, falou Herbert.

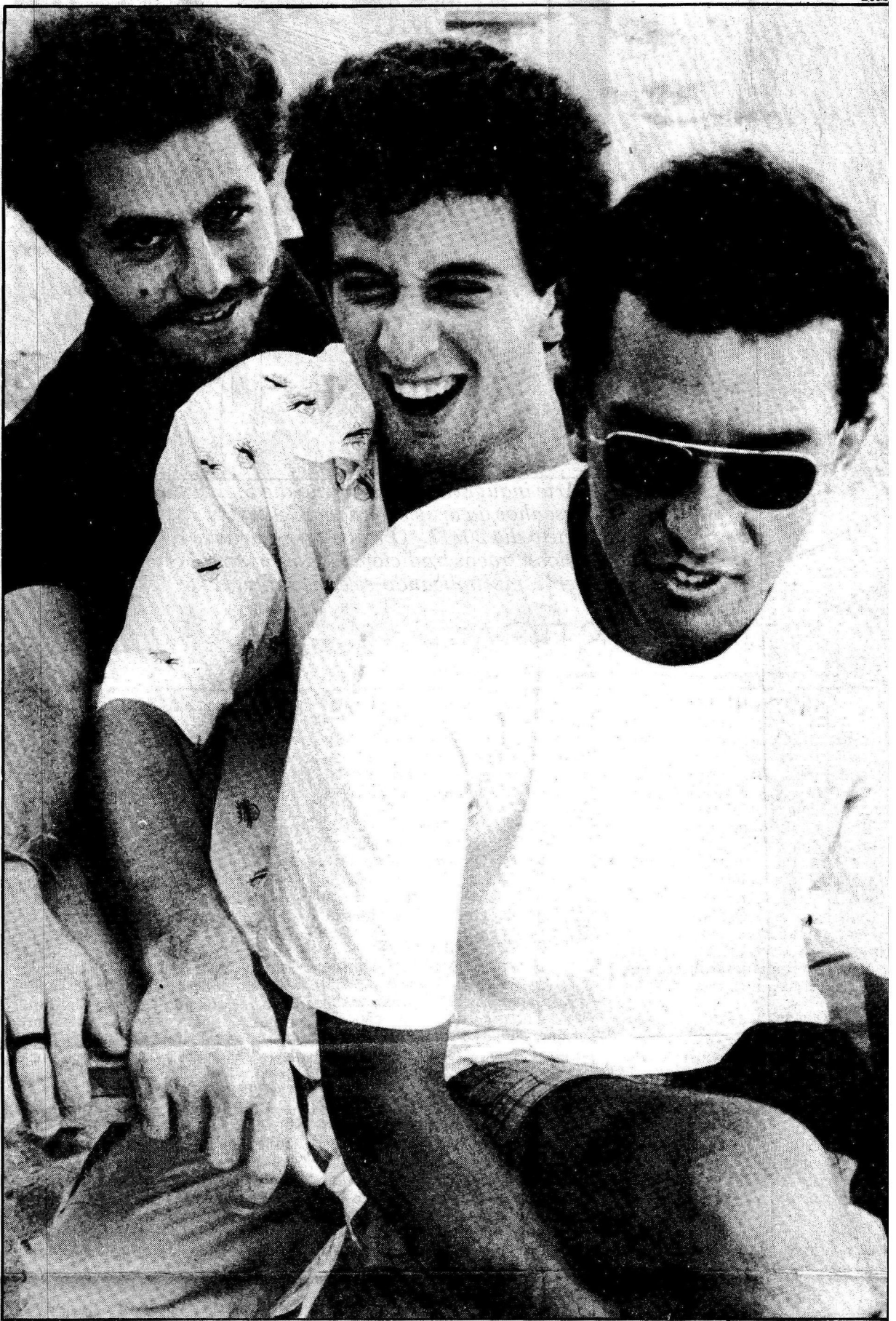
Como se desenvolve esse relacionamento? É somente no campo musical?

- É uma sorte muito grande a gente ter tantos interesses em comum, que progrediam com a convivência. O que para muitas pessoas é tremendamente desgastante, para nós é ótimo, além do trabalho. Vamos ao cinema juntos, assistimos televisão e moramos no mesmo prédio, por incrível que pareça, até nossos planos são feitos como um todo, em grupo.

Herbert, acrescenta que é verdade a existência de algumas atividades paralelas: Fui produtor do **Plebe Rude**, às vezes toco no disco de algum, mas nada que interfira no nosso trabalho da banda".

E o movimento do rock atual? O rock já era ou ainda comanda o espetáculo?

- Quando começamos era bem mais fácil, havia maior espaço, agora vejo que existe uma certa dificuldade para as bandas iniciantes.



Amadurecido, o grupo volta os olhos aos problemas mais graves que afligem o homem de hoje

tes. Naquela época quase não existiam grandes bandas como o RPM vendendo 500.000 mil cópias, Ultraje, 400.000. Então, embora existam mais grupos os canais já se fecham bastante, os espaços estão mais ocupados, explicou Herbert.

Para Barone, "agora as pessoas estão conscientes da posição do rock no nosso cenário musical. Não há mais como superar MPB do rock".

Herbert afirma que "ser nacionalista no Brasil é ser universalista. Não existe só o samba, temos um pouco de tudo".

E o LP Selvagem, por que tão diferente?

- Tinha que acontecer, nada mais natural depois de três anos entre um disco e outro. Nós saímos pelo País inteiro e vimos a cara do Brasil e sofremos muito com o que vimos, a falta de estrutura. Nossa cabeça mudou com tudo isso, e nos deu uma grande vontade de mostrar que tínhamos muito para dar, que

nós sabíamos coisa que pouca gente sabia. Além de outras descobertas, a principal é que no Brasil existem ritmos exóticos e interessantes, tanto quanto os da África ou América Central. No futuro isso tudo vai fazer parte da nossa trajetória musical, explicou Herbert.

E do nosso MPB?

- Adoro João Bosco, Jorge Ben, Paulinho da Viola, Gil, Caetano acho o máximo, especialmente nosso poeta. Cazuza considero o melhor poeta da nova geração. Renato Russo também gosto muito.

Do LP Selvagem qual a música predileta?

- Acho que é **A Novidade**, falou Herbert. Essa talvez seja a que mais gosto no disco, porque é uma idéia completa que veio aos poucos se desenvolvendo na minha cabeça. Ela desnuda o que as pessoas tem dentro de si, vários sentimentos desde a santidade até o pecado e que nenhum vai vencer, pois ambos são legítimos. Somente esse ano já

nos apresentamos em nove países: Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, França, Espanha, Portugal, Estados Unidos e Suíça. Ao todo foram mais de 50 mil pessoas que nos assistiram. E esse mercado é um mercado difícil de se vencer cantando sem ser em inglês.

E seu último disco **D** trouxe maior afirmação ao grupo?

- Foi feito ao vivo em Montreux com os grandes hits: **Ska — Óculos, Meu Erro, Selvagem, Açagados** e uma inédita com que abrimos o show **Será que vai Chover**. A reação do público suíço foi sensacional, o que nos deu mais pique ainda. É impossível se planejar essas coisas, essas reações, na medida em que as coisas vão acontecendo vamos nos organizando nesse sentido. Dentro do que ambicionávamos, já conseguimos muita coisa, mas nós ainda queremos muito mais, quanto mais difícil melhor, falou Herbert (ECAB).